

NAS RUÍNAS DO PROGRESSO: UMA DESLEITURA DE *GABRIELA*, *CRAVO* *E CANELA*, DE *JORGE* *AMADO*

EN LAS RUINAS DEL PROGRESO: UNA DESLECTURA DE *GABRIELA, CLAVO Y CANELA* DE
JORGE AMADO

IN THE RUINS OF PROGRESS: A MISREADING OF *GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON* BY
JORGE AMADO

José Luís Câmara Leme*

Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: O artigo sustenta que, na era do Antropoceno, o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, pode ser alvo de uma desleitura irônica que subverte sua interpretação tradicional, tanto marxista quanto liberal. A oposição entre o Coronel Ramiro Bastos e Mundinho Falcão já não representa o famigerado embate entre tradição e modernidade, mas passa a simbolizar a tensão entre duas modalidades de vida social: uma enraizada na comunidade e no ambiente natural (o jardim), e outra orientada para a globalização econômica (a dragagem da barra). Embora equivocada, essa releitura reflete uma ambição marcada pela melancolia e pelo desencanto, na qual o progresso econômico deixa de ser visto como um vetor de desenvolvimento e passa a ser interpretado como um agente de destruição ambiental e de erosão das formas autênticas de vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado. Antropoceno. Progresso. Autenticidade. Melancolia.

* Concluiu o Doutoramento em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa. É atualmente Presidente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da mesma universidade. Desenvolve investigação nas áreas das Humanidades, com particular enfoque na Filosofia, na Ciência e na Política. Publicou estudos sobre o pensamento de Michel Foucault, Hannah Arendt e Emmanuel Levinas, abordando temas como o *ethos* da verdade, a ideia de crise e os processos de despolitização. Nos últimos anos, tem-se dedicado à reflexão sobre o lugar e o desenraizamento, explorando as problemáticas da expansão espacial e do antropocénico. É membro do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT). E-mail: jlcl@fct.unl.pt.

RESUMEN: El artículo sostiene que, en la era del Antropoceno, la novela *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, puede ser objeto de una relectura irónica que subvierte su interpretación tradicional, tanto marxista como liberal. La oposición entre el Coronel Ramiro Bastos y Mundinho Falcão ya no representa el conocido enfrentamiento entre tradición y modernidad, sino que pasa a simbolizar la tensión entre dos formas de vida social: una arraigada en la comunidad y el entorno natural (el jardín), y otra orientada hacia la globalización económica (el dragado del puerto). Aunque equivocada, esta relectura refleja una atmósfera marcada por la melancolía y el desencanto, en la que el progreso económico deja de verse como un vector de desarrollo y pasa a interpretarse como un agente de destrucción ambiental y de erosión de las formas auténticas de vida social.

PALABRAS CLAVE: Jorge Amado. Antropoceno. Progreso. Autenticidad. Melancolía.

ABSTRACT: The article argues that, in the era of the Anthropocene, Jorge Amado's novel *Gabriela, Cravo e Canela* can be subject to an ironic reinterpretation that subverts its traditional Marxist and liberal readings. The opposition between Colonel Ramiro Bastos and Mundinho Falcão no longer represents the well-known clash between tradition and modernity but instead symbolizes the tension between two modes of social life: one rooted in the community and natural environment (the garden), and the other driven by economic globalization (the dredging of the harbor). Though flawed, this reinterpretation reflects an atmosphere marked by melancholy and disillusionment, in which economic progress is no longer seen as a vector of development but rather as an agent of environmental destruction and the erosion of authentic social forms of life.

KEYWORDS: Jorge Amado. Anthropocene. Progress. Authenticity. Melancholy.

“A burguesia submeteu o campo à dominação da cidade. Criou cidades enormes, aumentou num grau elevado o número da população urbana face à rural, e deste modo arrancou uma parte significativa da população à idiotia [Idiotismus] da vida rural. Assim como tornou dependente o campo da cidade, tornou dependentes os países bárbaros e semibárbaros dos civilizados, os povos agrícolas dos povos burgueses, o Oriente do Ocidente.” (Karl Marx e Engels)

“O homem soviético não se contenta de utilizar aquilo que a natureza generosa deu ao seu país. Ele corrige também a natureza quando ela não soube colocar suas riquezas a serviço do homem. «Essas águas dos rios siberianos quase não nos servem para nada», diz o engenheiro Davydov, chefe dos trabalhos. E acrescenta: «Essa anomalia geográfica deve ser corrigida.” (Jorge Amado)

Gabriela, Cravo e Canela, publicado em 1958, é, provavelmente, o romance de Jorge Amado de maior sucesso internacional. Seu êxito se deve, sem dúvida, ao mérito literário, mas também à popularidade das telenovelas que dele derivaram e às ideias pré-concebidas que o mundo tem sobre o Brasil – em particular, seu suposto erotismo e sua alegada liberdade de costumes tropicais, personificados na figura de Gabriela.

No entanto, não sei se o romance ainda hoje é lido com o mesmo entusiasmo, sobretudo no que toca à sua receção ideológica. Tudo aquilo que, há meio século, parecia anunciar um futuro promissor e que encantava leitores sedentos de modernidade e exotismo tropical, hoje, pode ser visto como caricatura ou equívoco. O desmoronamento desse imaginário amado de “[...] barulho e ternura” (Lapouge, 2011) começou, creio, em 1980, com os filmes *Pixote, a Lei do Mais Fraco*, de Hector Babenco. Depois vieram *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, e, por fim, a derrocada completa com *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha. Essa *peregrinatio ad loca infecta* consolidou definitivamente a substituição dos antigos lugares-comuns sobre sensualidade tropical e o homem cordial pela narrativa da violência, das drogas e das favelas. Embora a brutalidade seja tão equívoca quanto a sensualidade quando se trata de estereótipos nacionais, já advertia David Hume (2002, p. 183) que o “vulgo” tende sempre a levar tais características ao extremo.

Seja como for, se nos desvencilharmos desses clichês, não é difícil imaginar que a maioria dos leitores estrangeiros de hoje leia o romance sem a contextualização histórica necessária, descobrindo nele uma lição moral distinta da leitura dominante nas primeiras décadas após sua publicação. Se antes o livro era visto como um romance de costumes, narrando o declínio do poder dos coronéis e de suas práticas patriarcais, possibilitado pelo encontro feliz entre “as forças objetivas da economia” e “as forças subjetivas da sedução”, na atualidade ele pode ser lido como a história de uma pacata cidade destruída pelas forças do progresso.

Dessa forma, uma leitura fundamentada no credo marxista parece atualmente ceder espaço a outra, na qual as implicações humanas, sociais e ambientais do desenvolvimento passam a ser questionadas. Se antes predominava a ideia de que a ampliação dos meios de produção e intercâmbio arrancaria a população de Ilhéus da suposta idiotia da vida rural e, com o curso inevitável da história, permitiria à Gabriela um futuro redentor – no qual ela não estaria confinada a um campo de atividade exclusivo, mas poderia aperfeiçoar-se naquilo que lhe agradasse e dedicar-se a diferentes ocupações ao longo do dia –, agora esse progresso começa a ser visto não apenas como uma fábula, mas, talvez, como uma catástrofe.

A idiotia dos costumes tradicionais, outrora ridicularizada por Karl Marx (2004, p.40) passa a ser reinterpretada como uma expressão de cultura local, digna de preservação. Com o tempo, da indiferença cínica perante o seu destino emerge um imaginário melancólico que convida a uma nova leitura da história. É assim que, por exemplo, Emmanuel Carrère sugere que a ucrônia não é uma especulação meramente lúdica, mas uma manifestação enraizada na melancolia do momento de viragem. O questionamento sobre o que poderia ter sido diferente substitui, de uma vez por todas, o determinismo histórico, a certeza teleológica dá lugar à aflição (Carrère, 2025).

Vejamos uma passagem emblemática em que Jorge Amado (2008, 1º cap.) contrapõe, de maneira didática, as duas personagens que simbolizam as forças históricas em confronto: o Coronel Ramiro Bastos, representante da velha ordem oligárquica, e o exportador carioca Mundinho Falcão, expressão das novas dinâmicas econômicas e políticas.

A verdade, porém, é que o Coronel Ramiro amava a cidade à sua maneira, como amava o jardim de sua casa, o pomar de sua fazenda. Nos jardins de sua casa plantara até macieiras e pereiras, mudas vindas da Europa. Gostava de ver a cidade limpa (e para isso fizera a intendência adquirir caminhões), calçada, ajardinada, com bom serviço de esgotos. Animava as construções de boas casas, alegrava-se quando os forasteiros falavam da graça de Ilhéus, com suas praças e jardins. Mantinha-se, por outro lado, obstinadamente surdo a certos problemas, a reclamações diversas: criação de hospitais, fundação de um ginásio municipal, abertura de estradas para o interior, construção de campos de esportes. Torcia o nariz ao Clube Progresso e nem queria ouvir falar de dragagem da barra... O Coronel sentia obscuramente ser o exportador um inimigo, ... Mas esse tal Mundinho começava a meter o bico em todas as coisas, era cada vez maior o número de pessoas a cercá-lo, ele falava de Ilhéus, sua vida, seu progresso, como se aquilo fosse assunto seu, de sua alçada, como se tivesse alguma autoridade. Era homem de família do sul do país, acostumada a mandar, seus irmãos tinham prestígio e dinheiro.

Se deixarmos de lado as fantasias que costumam moldar a receção de tudo o que vem do Brasil e nos concentrarmos no mérito do ofício literário de Jorge Amado, creio que podemos identificar duas razões principais para o sucesso de *Gabriela, Cravo e Canela*. Primeiro, a maneira como o autor entrelaça as duas narrativas centrais: a dos costumes, centrada na relação amorosa entre as perplexidades de Nacib e os encantos de Gabriela, e a da modernidade, articulada em torno da dragagem da barra e de suas consequências políticas e econômicas para a cidade de Ilhéus.

Em segundo lugar, destaca-se a complexidade na caracterização das personagens, que evita reducionismos maniqueístas. Na passagem citada, por exemplo, percebe-se que a preocupação do Coronel Ramiro com os jardins da cidade e sua aversão à dragagem da barra não são simplesmente retratadas de forma negativa ou condenáveis; ao contrário, revelam camadas mais sutis de sua posição.

Além disso, como já foi destacado por João Paulo Paes, *Gabriela* marca uma inflexão na trajetória literária de Jorge Amado (2008). O romance representa uma mudança radical em relação às suas obras anteriores, especialmente no que se refere à transição da agenda ideológica do “romance proletário” –como o próprio autor classificava *Cacau* (2010), originalmente publicado em 1933 – para uma estrutura narrativa mais polifônica, na qual diferentes vozes sociais se fazem ouvir.

Numa primeira abordagem, é inevitável reconhecer que o apreço do Coronel Ramiro Bastos pelos jardins deve ser entendido como uma metonímia de seus valores conservadores, uma vez que a analogia entre a jardinagem e a governação política está profundamente enraizada nessa tradição. Afinal, os princípios que regem os jardins – controle, ordem e harmonia – são os mesmos que, na perspectiva conservadora, devem estruturar a sociedade.

Para Chantal Delsol, o jardim representa o símbolo mais vivo e eficaz do pensamento conservador, pois este não concebe a sociedade como algo a ser criado *ex nihilo*, mas como uma continuidade do que já preexiste (Rouville, Dard, Boutin, 2027). O conservador, portanto, não rompe com a tradição; ao contrário, sua função é preservar e aperfeiçoar as características e leis que chegaram até ele.

A ideia de que a autoridade do governante deve aprender com a sabedoria do jardineiro sugere, assim, que tanto o jardim quanto a cidade se renovam cicличamente, sem jamais romper com sua matriz original. Mais do que isso, essa conceção implica que ambos rejeitam e expulsam o desconhecido, garantindo a permanência de uma ordem preestabelecida.

Portanto, temos aqui a ironia política de um valor aparentemente positivo – cuidar do jardim – servir como veículo para valores que Jorge Amado considerava detestáveis: o poder patriarcal e a sua tradição. Em outras palavras, ao transformar a paixão pelos jardins em um traço central do Coronel Ramiro, o romancista sugere que sua personagem busca preservar a imobilidade, o *status quo* e, acima de tudo, garantir que forças externas – simbolizadas pelas ervas daninhas e pelos forasteiros – sejam erradicadas e expulsas, impedindo que ameacem a ordem herdada.

No entanto, a disposição do Coronel Ramiro pode ser vista como algo além de uma mera preocupação com o poder, sobretudo quando a contrapomos ao empreendedorismo do empresário carioca, que deseja modernizar a cidade e “ser alguém”. Se adotarmos a perspectiva de Michael Oakeshott (1991), segundo a qual o conservador é aquele que prefere o familiar ao estranho, o concreto ao possível, o fato ao mistério, o que está próximo ao distante, o suficiente ao abundante, então a metonímia do jardim adquire uma ressonância peculiar. Para alguns leitores, especialmente os mais melancólicos, essa imagem pode parecer estimável; para os céticos, no entanto, dificilmente será convincente.

As diversas analogias entre política e jardinagem no pensamento político ocidental são amplamente conhecidas. Nesse sentido, vale recordar a forma notável como, em 1970, Jerzy Kosinski, no romance satírico *Being There*, parodia a ideia de que devemos aprender com o “bom senso” do jardineiro¹. Na obra, Chance, um jardineiro ingênuo e limitado, que sempre viveu entre o jardim e a televisão, acaba sendo tomado como um pensador oracular. Graças aos seus lugares-comuns sobre jardinagem, ele deslumbra o presidente dos Estados Unidos, evidenciando a superficialidade e a credulidade do meio político.

O Presidente hesitou por um momento e, então, voltou-se para Rand. "Aceitamos de bom grado as estações inevitáveis da natureza, mas nos perturbamos com as estações de nossa economia! Que tolice a nossa!" Ele sorriu para Chance. "Invejo o Sr. Gardiner por seu bom senso sólido. É exatamente isso que nos falta no Capitólio" (Kosinski, 1999, epub).

Se, para Marx, os costumes indolentes da vida campestre são dissolvidos pelas forças progressivas da história – aqui representadas pelos Mundinhos desse mundo –, agora essa “idiotia” ressurge sob a forma de um *qui pro quo*: o presidente da América toma as palavras de um jardineiro como uma lição de bom senso econômico.

Seja como for, seria reducionista interpretar a felicidade que o Coronel Ramiro encontrava nos jardins da cidade apenas como um subterfúgio ideológico. A descrição que Jorge Amado (2008) faz dessa paixão – análoga ao amor de Nacib por Gabriela – pode ser tomada como genuína, tanto mais porque o autor contrapõe essa devoção ao avanço técnico representado pela dragagem da barra, seu oposto simbólico.

É justamente essa oposição – cuidar do jardim *versus* dragar a barra – que leva o leitor contemporâneo, de maneira paradoxal, a simpatizar com o Coronel Ramiro e a enxergar no empresário Mundinho uma força destrutiva. Assim, o verdadeiro vilão da história não seria mais o oligarca conservador, mas sim as forças do progresso econômico, que acabaram por arruinar uma cidade e suas tradições. Entre uma Ilhéus bucólica, ajardinada e com uma economia incipiente, e outra que, ao se voltar para a exportação de cacau, destrói suas raízes culturais e ambientais, muitos leitores de hoje inclinam-se pela primeira alternativa.

No entanto, essa interpretação é equivocada, redutora e, sob a ótica do romancista, até absurda. No limite, trata-se de uma leitura anacrônica, que não apenas força o romance a dizer aquilo que lhe é alheio, mas também revela uma insensibilidade imperdoável para com o regime político que o romance retrata. Ainda assim, admitamos com Milan Kundera (1982, p. 180) que os romances são frequentemente mais inteligentes do que seus autores. O exemplo que ele oferece desse paradoxo está na relação do escritor com suas próprias personagens: Tolstoi por exemplo, concebeu inicialmente Anna Karenina como uma mulher antipática, cujo destino trágico seria justificado. Contudo, embora suas convicções morais não tenham mudado, ele foi capaz de ouvir, ao longo da escrita, uma voz que não era apenas a sua – a voz do próprio romance. É essa sabedoria suprapessoal que os grandes escritores escutam e que confere às personagens espessura e independência, libertando-as das intenções originais do autor. Mais do que isso, é essa mesma sabedoria que, sobretudo hoje, ensina os bons leitores a descartar tanto a vida pessoal quanto a agenda política dos escritores.

Mas se os grandes romances podem ser relidos sob diferentes horizontes de sentido, cabe ainda questionar as condições que possibilitam essas desleituras, essa fusão de perspectivas. Afinal, as condições de possibilidade do sentido são tão cruciais quanto as condições de possibilidade da verdade.

¹ Versão cinematográfica: *Bem-Vindo Mr. Chance*, realizado por Hal Ashby (1979).

Creio que o elemento-chave dessa leitura irônica é, como já mencionado, a oposição entre o jardim e a dragagem da barra. Como vimos, não é exagero afirmar que, atualmente, muitos leitores questionam a necessidade dessa dragagem e, consequentemente, o próprio ideal de progresso econômico de Ilhéus.

Se a agenda política for a abertura ao mundo, a expansão do comércio e o crescimento populacional, então a dragagem do porto se justifica: ela permitirá a chegada de navios de grande porte e facilitará o fluxo mercantil. Afinal, historicamente, a melhoria das vias de mobilidade sempre foi um fator impulsionador do progresso. Sob a ótica liberal, isso traria prosperidade à população; na perspectiva marxista, fortaleceria a classe trabalhadora, acelerando sua consciência de classe e intensificando sua oposição à nova elite econômica – a burguesia capitalista. Essa burguesia, por sua vez, seria eventualmente descartada pela história, assim como os antigos coronéis foram um dia substituídos pelos Mundinhos da economia global.

Ocorre que o leitor contemporâneo se tornou cético em relação a essas narrativas do progresso. Talvez a prometida prosperidade jamais se concretize; talvez a classe trabalhadora prefira o consumo à revolução; talvez o desenvolvimento econômico imponha formas de indigência ainda mais miseráveis do que a repressão do passado. Sem negar a necessidade de condenar as estruturas patriarcas, ele se pergunta: teria sido possível um outro caminho?

O que antes era um valor incontestável – o progresso, tanto para liberais quanto para marxistas – agora se tornou objeto de suspeita. Primeiro, porque elimina formas singulares de vida social, impõe, entre outras coisas, aquilo que Pasolini (2020) denominou “genocídio” e “mutação antropológica”, um fenômeno decorrente da globalização econômica que destruiu modalidades de existência social autênticas (Lévi-Strauss, 2012, p. 54) e impôs a vulgaridade da sociedade de consumo (Pasolini, 2020, p. 74). Depois, porque o custo do progresso não se restringe às suas consequências sociais: ele traz também um preço ecológico. De fato, a dragagem da barra não é apenas um marco do avanço técnico e mercantil, é também, e sobretudo, um processo irreversível que envolve a destruição de habitats, a alteração da hidrodinâmica e a introdução de espécies invasoras.

Sustento que este horizonte de sentido que convida a uma desleitura política de *Gabriela* (2008) pode ser compreendido a partir destas inquietações e que estes afetos políticos se precipitam numa melancolia. O propósito desta hipótese é mostrar que a leitura contemporânea de *Gabriela* (2008), isto é, a desleitura a partir da oposição entre jardim e porto, não decorre simplesmente da dicotomia convencional entre conservadorismo e progressismo, reacionarismo e revolução, direita e esquerda. Em vez disso, trata-se de mostrar que o horizonte de problematização mudou radicalmente.

Essa mudança, no entanto, impacta apenas um dos polos dessa oposição: a esquerda. Para a direita, esse novo horizonte de sentido não representa um desafio, pois pode ser cooptado como uma variante inofensiva de um pensamento reacionário. Assim, sob a metáfora do jardim como símbolo do imobilismo histórico, celebra-se a nostalgia dos “bons velhos tempos” do regime dos coronéis e de seus costumes patriarcas. Já a esquerda é atingida em seu eixo rotativo: a crença no progresso como motor da igualdade e da fraternidade. Esse mecanismo ruiu e, até o momento, não há sinais de que possa ser reparado. O desamparo, a melancolia e o impasse instauraram-se. A desleitura de *Gabriela* (2008) tornou-se possível.

Importa, no entanto, ressaltar que estas problematizações não constituem uma grade teórica bem formulada e articulada que possa ser sujeita a um contraditório. Não sendo um senso-comum, é, porém, uma disposição emocional, uma atmosfera, que se alimenta tanto de uma experiência concreta quanto de fontes eruditas. Estamos, portanto, perante um processo de divulgação, interiorização e degradação de um saber originalmente acadêmico que se articula com uma experiência e dá assim corpo a uma ambiência. Claro está que é irrelevante estabelecer uma ordem de fatores que lhe deram origem, porque a ambiência em causa tem uma dinâmica dialética: não se sabe exatamente o que a espoletou, mas as suas manifestações posteriores são concretas.

Em suma, essa ambiência constitui-se, por um lado, a partir de um sentimento de perda, de luto, em relação a uma natureza degradada; por outro, como desgosto em relação ao progresso e ao determinismo histórico como supostos fatores de degradação cultural.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. E-book

AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. E-book.

AMADO, J. *O mundo da paz*: União Soviética e democracias populares. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1952.

Ashby, H. (Director). (1979). *Being there* [Film]. United Artists.

CARRÈRE, E. *Uchronie*. Paris: P.O.L, 2025. E-book.

HUME, D. *Ensaios morais, políticos e literários*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

KOSINSKI, J. *Being there*. New York: Grove Press, 1999. E-book.

KUNDERA, M. *A arte do romance*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

LAPOUGE, G. *Dictionnaire amoureux du Brésil*. Paris: Plon, 2011. E-book.

LÉVI-STRAUSS, C. *A antropologia face aos problemas do mundo moderno*. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Edições Avante, 2004.

OAKESHOTT, M. *Rationalism in politics and other essays*. New York: Liberty Fund, 1991.

PASOLINI, P. P. *Escritos corsários*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Editora 34, 2020.

ROUVILLOIS, F.; DARD, O.; BOUTIN, C. (org.). *Le dictionnaire du conservatisme*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011.



Recebido em 05/04/20205. Aceito em 02/09/2025.

Publicado em 25/09/2025.